

Quem Tem Medo do Escuro? Gênero, Espaços e Percepções de (In)Segurança no Câmpus Rio Grande do IFRS

*¿Quién Teme a la Oscuridad? Género, Espacios y Percepciones de
(In)Seguridad en el Campus Rio Grande del IFRS*

Lucía Silveira Alda¹

Alice Albo Neves Cardoso²

Resumo

Este estudo investiga como o conceito "geografia do medo" se manifesta no Câmpus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), analisando as percepções de segurança dos estudantes com foco nas variáveis de gênero, raça e classe. O objetivo central é compreender como essas identidades sociais influenciam as experiências e a interação dos alunos com o ambiente físico do câmpus, abordando aspectos de medo, conforto e mobilidade. A pesquisa utilizou um questionário *online* aplicado a setenta e um estudantes, que expressaram percepções subjetivas sobre áreas consideradas seguras ou inseguras e relataram situações de vulnerabilidade enfrentadas no ambiente acadêmico. Os resultados destacam diferenças significativas entre grupos analisados. Estudantes mulheres relataram maiores sentimentos de vulnerabilidade em áreas isoladas e com pouca iluminação, como estacionamentos, corredores e banheiros. Homens brancos, em contraste, demonstraram sentir-se mais seguros e menos afetados por questões de insegurança, o que lhes confere maior liberdade de circulação e interação nos espaços do câmpus. A insegurança relatada por parte das alunas de classes sociais menos favorecidas frequentemente resulta em comportamentos de evasão, como evitar determinados locais ou horários, limitando assim sua mobilidade e participação nas atividades acadêmicas. A análise dos dados sublinha a relevância da interseccionalidade na discussão sobre segurança em espaços educacionais, evidenciando como diferentes identidades moldam a percepção de risco e de pertencimento nos espaços institucionais. A partir dos achados, o estudo propõe uma série de recomendações, incluindo a melhoria da infraestrutura, com destaque para a iluminação e o monitoramento em áreas estratégicas, além de campanhas de conscientização e iniciativas educativas que promovam um ambiente acolhedor e seguro para todos os estudantes. Conclui-se que estratégias inclusivas e integradas são essenciais para mitigar as desigualdades nas percepções de segurança e construir um câmpus mais equitativo, acessível e seguro para todos.

Palavras-Chave: Câmpus; Feminismo; Gênero; Mulheres; Urbano.

Resumen

Este estudio investiga cómo el concepto de "geografía del miedo" se manifiesta en el Campus Rio Grande del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Sul (IFRS), analizando las percepciones de seguridad de los estudiantes con un enfoque en las variables de género, raza y clase. El objetivo central es comprender cómo estas identidades sociales influyen en las experiencias y la interacción de los estudiantes con el entorno físico del campus, abordando aspectos de miedo, comodidad y movilidad. La investigación utilizó un cuestionario en línea aplicado a setenta y un estudiantes, quienes expresaron percepciones subjetivas sobre áreas consideradas seguras o inseguras y relataron situaciones de vulnerabilidad vividas en el entorno académico. Los resultados destacan diferencias significativas entre los grupos analizados. Las estudiantes mujeres reportaron

¹ Doutora em Letras; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Câmpus Rio Grande; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br.

² Estudante de Geoprocessamento Integrado ao Ensino Médio; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Câmpus Rio Grande; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; alicealboneves@gmail.com.

maiores sentimentos de vulnerabilidade em áreas isoladas e com pouca iluminação, como estacionamentos, passagens e banheiros. Em contraste, os homens brancos mostraram sentir-se mais seguros e menos afetados por problemas de insegurança, o que lhes confere maior liberdade de movimento e interação nos espaços do campus. A insegurança relatada por parte de estudantes de classes sociais menos favorecidas frequentemente resulta em comportamentos evasivos, como evitar certos lugares ou horários, limitando assim sua mobilidade e participação em atividades acadêmicas. A análise dos dados sublinha a relevância da interseccionalidade na discussão sobre segurança em espaços educacionais, evidenciando como as distintas identidades moldam a percepção de risco e pertencimento em espaços institucionais. A partir dos achados, o estudo propõe uma série de recomendações, incluindo a melhoria da infraestrutura, com especial ênfase na iluminação e o monitoramento em áreas estratégicas, além de campanhas de conscientização e iniciativas educacionais que promovam um ambiente acolhedor e seguro para todos os estudantes. Em conclusão, destaca-se que as estratégias inclusivas e integradas são essenciais para mitigar as desigualdades nas percepções de segurança e construir um campus mais equitativo, acessível e seguro para todos.

Palavras-chave: Campus; Feminismo; Gênero; Mulheres; Urbano.

1. Introdução

A segurança em espaços educacionais emergenciais, principalmente no que tange às desigualdades de gênero, raça e classe. No contexto acadêmico, essas questões são ainda mais prementes, considerando a escola como um microcosmo da sociedade (Rocha, 2018), refletindo também as desigualdades estruturais da sociedade, sobretudo das mulheres que, frequentemente, enfrentam vulnerabilidade adicional ao se movimentarem pelos espaços acadêmicos, em comparação com seus pares homens brancos. A partir das experiências vivenciadas nos contextos escolares, é fundamental repensar o espaço urbano, incluindo o campus, de forma a garantir que a diversidade dos corpos possa (co)existir em segurança e justiça. Essa perspectiva é fundamental para enfrentar as desigualdades estruturais que impactam a vivência de diferentes grupos, promovendo um ambiente onde todos tenham a liberdade de se mover e interagir sem medo (Kern, 2021). Ainda, ao considerar a geografia do medo, é possível pensar em proposições políticas e práticas que assegurem a inclusão e a equidade no espaço urbano, essencial para a formação de uma sociedade mais justa.

Neste contexto, o conceito de geografia do medo surge como uma ferramenta analítica crucial para compreender as percepções de insegurança nos espaços físicos. De acordo com Cechetto (2011), esse termo refere-se à maneira como o espaço urbano é interpretado e transformado por meio de práticas sociais que geram medo, particularmente entre populações marginalizadas. Além disso, a geografia do medo não se limita a identificar áreas de risco, mas revela como os medos e anseios experimentados por grupos específicos são moldados por fatores estruturais, como racismo, sexismo e desigualdade social (Lira, 2017). A partir disso, nos propomos a explorar como as identidades sociais influenciam as interações com o espaço e como essas dinâmicas impactam a vivência acadêmica.

Isto posto, o presente estudo busca investigar como a geografia do medo se manifesta no campus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). A partir da análise das percepções de segurança dos estudantes, com foco em gênero, raça e classe, este trabalho visa identificar as áreas do campus consideradas seguras ou inseguras, identificar os fatores que contribuem para essas percepções e propor medidas que possam mitigar as desigualdades de segurança no ambiente acadêmico. Ao colocar em destaque as experiências dos grupos mais vulneráveis (Lira, 2017), esta pesquisa pretende não

só ampliar o debate sobre segurança, mas também contribuir para a implementação de ações mais inclusivas e equitativas no espaço educacional.

Para tanto, este estudo adotou uma abordagem quanti-qualitativa para investigar as percepções de segurança dos estudantes do câmpus. A partir de um questionário estruturado, composto por 31 perguntas, sendo 21 fechadas e 10 abertas, as questões abordaram as áreas do câmpus consideradas seguras ou inseguras, os motivos dessas percepções e como essas percepções afetam a mobilidade e participação dos estudantes no ambiente acadêmico. O público-alvo foi composto por estudantes do câmpus de diferentes níveis acadêmicos, cursos e turnos, visando garantir uma amostra diversa em termos de gênero, raça e classe. Ainda, a análise interseccional permitiu identificar padrões distintos de experiência entre os grupos.

2. Delineamento da Pesquisa

O questionário foi dividido em cinco seções: (I) Dados demográficos, como gênero, raça, idade e curso; (II) Percepção de segurança em áreas do câmpus, como corredores, banheiros e estacionamentos; (III) Experiências de vulnerabilidade, como casos de assédio e violência; (IV) Comportamentos adaptativos, como evitar certos horários ou locais; e (V) Sugestões para melhorar a segurança. A amostra foi composta por 71 estudantes de cursos regulares do câmpus, abrangendo diversidade de gênero, raça e idade. Dos participantes, 39 eram mulheres cisgênero, 24 homens cisgênero e o restante se identificou como transgênero ou não binário. A maioria dos estudantes eram brancos (81,7%), com apenas 12,7% se identificando como negros.

Os dados foram coletados por meio de escalas *Likert* para as perguntas fechadas e respostas descritivas para as perguntas abertas. As respostas quantitativas foram analisadas estatisticamente, com médias e frequências, e as respostas qualitativas foram codificadas e interpretadas para identificar temas principais. Essa metodologia permitiu uma análise aprofundada de como gênero, raça e classe influenciam as percepções de segurança no câmpus, bem como a identificação de áreas problemáticas e soluções sugeridas pelos próprios estudantes.

3. Resultados

Os resultados revelaram disparidades significativas nas percepções de segurança. As mulheres relataram uma maior sensação de insegurança em áreas isoladas e com pouca iluminação, como estacionamentos e corredores. A insegurança foi exacerbada durante a noite, quando o câmpus é menos movimentado. Em contraste, os homens, especialmente os autodeclarados brancos, relataram sentir-se seguros na maior parte do câmpus, sem grandes preocupações relacionadas à segurança.

As estudantes que relataram sentir-se inseguras destacaram que essa percepção afetava sua mobilidade, limitando sua participação em atividades extracurriculares e reduzindo sua interação com o câmpus fora dos horários de aula. A análise dos resultados indica que as percepções de segurança no câmpus estão fortemente relacionadas a questões de gênero, raça e classe. As mulheres, particularmente as mulheres negras, enfrentam uma dupla opressão que as torna mais vulneráveis, tanto fisicamente quanto emocionalmente, em comparação com outros grupos. Isto posto, a interseccionalidade é fundamental para entender essas

experiências, pois as identidades sociais moldam de maneira única a forma como os estudantes interagem com o ambiente acadêmico (Davis, 2016).

Com base nos princípios do urbanismo feminista (Falú, 2009; Kern, 2021) e na análise das percepções dos estudantes, é evidente a necessidade de implementar ações mais eficazes e inclusivas de segurança, como melhorias na infraestrutura e campanhas de conscientização. Essas medidas são essenciais para criar um ambiente acadêmico mais equitativo e acessível.

4. Conclusão

Este estudo evidenciou como o conceito de geografia do medo se manifesta no câmpus Rio Grande do IFRS, destacando as disparidades de gênero, raça e classe nas percepções de segurança. Mulheres, especialmente mulheres negras, enfrentam maiores desafios, o que limita sua mobilidade e participação no ambiente acadêmico. Recomenda-se a implementação de políticas de segurança mais eficazes e inclusivas e ações educativas que promovam um campus mais acolhedor e seguro para todos.

Referências

- CECCHETTO, Fabiana. Geografia do medo e sua relação com o espaço urbano. *Revista Contemporânea*, v. 5, n. 3, 2011, pp. 82-92.
- DAVIS, A. Mulheres, Raça e Gênero. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- FALÚ, Ana (Org.). *Mujeres en la Ciudad: de Violencias y Derechos*. Red Mujer y Hábitat de América Latina, 2009.
- KERN, Leslie. *Cidade Feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.
- LIRA, Pablo Silva. *Geografia do Crime e Arquitetura do Medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.
- OLIVEIRA, Gabriela Almeida de. Desigualdades estruturais e o acesso ao ensino superior: análise das condições de ingresso e permanência de estudantes marginalizados. *SciELO em Perspectiva*, 2022. Disponível em: <https://blog.scielo.org>. Acesso em: 31 out. 2024.
- ROCHA, Vilmar do Nascimento. *Representações didático-discursivas dos sujeitos inseridos no processo de escolarização na modalidade EJA EAD: um olhar para o Sesi como locus da pesquisa*. Orientador: Diógenes Cândido de Lima. 160 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.